

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O corpo: fronteiras férteis de conhecimentos

Aluno: Vinícius Campos da Silva - Instituto de Biologia
Orientadora: Profa. Dra. Alik Wunder - Faculdade de Educação

*O corpo é memória
É muralha
Afinado como uma navalha
Denso como água
Têm em si a energia dos cânticos.
Dos loucos, dos românticos, dos xamânicos
A mais pura neblina, do mais puro tabaco
Recheia o universo de sabedoria.
O céu só é o céu devido sua existência
Extrínseca de sentido e padrão
Assim com a força criativa da vida.*

Campinas, 2021

Resumo

O desenrolar deste projeto, começa em referência a um artigo de minha orientadora, Alik Wunder, “Encontros com poéticas indígenas, férteis fronteiras entre a educação e as artes (2017)”. A partir do encontro com este material, surgiram-me inquietudes acerca dos conhecimentos tradicionais e como os mesmos encontram-se tão distantes do ambiente acadêmico. Ao longo do meu desenvolvimento acadêmico e na pesquisa acerca das comunidades tradicionais, participei também de um curso orientado pela doutora em educação Naine Terena, acerca do corpo indígena nas obras fílmicas, onde consegui formar um pensamento crítico embasado em torno das obras e representações dos indígenas não só nas cenas, mas também nas escolas, nos espaços sociais e no ambiente acadêmico. Interessei-me então, em estudar um pouco mais como se dá essa relação dos corpos dentro do audiovisual e das produções brasileiras, direcionando o olhar para a representatividade dos corpos e os caminhos possíveis de entendimento entre diferentes conhecimentos, ancestral e acadêmico. A elaboração de um curta-documentário acerca das questões africanas, “Igbá Orixá!- deuses que dançam”, surgiu a partir deste encontro de interesses entre estudar mais ativamente a produção fílmica com comunidades tradicionais e problematizar outras formas de diálogos criativos e possíveis. As gravações ocorreram em Nova Iguaçu e Seropédica- RJ e foram essenciais para este projeto, pois só assim pude compreender um pouco mais acerca da cosmovisão candomblecista e os processos de construção da imagem negra no Brasil.

O objetivo desta pesquisa é investigar as percepções e conceitos acerca do “corpo” nas culturas afro e indígenas, tendo produções audiovisuais como materiais de estudo e relacionando-os com alguns entendimentos uniformes e exclusivos de nossa sociedade ocidental. Desenvolvo ao longo do trabalho uma linha de raciocínio analítica e poética e busco em bibliografias e filmografias as bases para um olhar acerca das amarras sócio-culturais e as potencialidades que enredam os filmes produzidos por comunidades indígenas e afro-diaspóricas, identificando nestas produções, fronteiras férteis de conhecimentos sobre o corpo. A monocultura da fê, a monocultura social e alimentar sustentadas pelo raciocínio lógico da produtividade e desenvolvimento econômico, fazem com que as pessoas se afastem dos diálogos criativos que as trazem de volta para o ancestral. Hoje, no mundo urbanizado, capitalista e globalizado, muitos não fazem mais parte dos espaços naturais, das florestas nativas e dos campos. Nós criamos um espaço nosso, onde pouquíssimas espécies diferentes possuem acesso, sejam animais, vegetais, espirituais, comportamentais e formas diversas de conhecimento. Um arquétipo de mundo à parte, um mundo humano, antropofágico em sua própria existência retro-alimenta-se em sua própria relação social. A partir de análises fílmicas, discutiremos como os corpos diferentes, afro e indígenas, excluídos da monocultura social, comportam-se e se encontram agentes ou não da sociedade. Podemos compreender o cinema não apenas como uma forma de linguagem, mas também como uma forma de representação histórico-geográfica, onde cada época e classe social possui suas particularidades. A imagem pode ser compreendida como um mundo amplo de possibilidades e representações, desde as cores, as personagens, quanto o corpo, as linhas do corpo, a cor da pele, enquadramentos, falas e protagonismos. A partir de encontros poéticos e narrativos, discutiremos acerca desta cultura globalizada, ocidental, excludente e limitante de outros corpos, culturas e religiões, baseadas apenas na legitimidade científica, na estereotipação do diferente e nas disputas de poderes políticos e econômicos. O documentário “Igbá Orixá - deuses que cantam (2021)”, produzido e dirigido por mim, nos convida a interpretar o corpo como um duplo do homem, onde o espiritual e mundo material estão intrinsecamente conectados e inerentes ao ato de viver. Aqui a noção de corpo é ampliada; a visão estereotipada do "corpo máquina" se mostra incapaz de resolver toda complexidade ritualística. O corpo é a principal forma de assegurar esta energia vital, essencial para que se torne o espaço de excelência do orixá. Diante desse desafio, torna-se ainda mais difícil para a academia das

biológicas conseguir dialogar os conhecimentos tradicionais, de cunho religioso, com a própria compreensão cartesiana do corpo e do adoecimento. Os corpos dos indígenas e negros, sempre sofreram agressões físicas, sociais, psicológicas destas personagens e filosofias. São raras as produções fílmicas em que a diversidade cultural e racial apareça de maneira não colonizadora, o que temos na maioria das vezes é uma falsa impressão de diversidade baseada na simplificação superficial e distante caracterização destes povos. Vemos em geral uma reprodução das relações assimétricas dentro do que está definido de "comum-exótico, normal-anormal e igual-diferente" (BONIN,2010, p. 75). Estes processos de legitimação dos conhecimentos geram desqualificação de outros. A força estrutural dos poderes, conduziu a sociedade a um processo de separação e descolamento acerca de nossa própria existência e a um processo de deslegitimação dos conhecimentos diversos, diálogos possíveis outros de entendimento do mundo e da realidade, o que contribui não só para o fortalecimento dos preconceitos, como também contribui para um caminho pavimentado e uniforme insuficiente de resolver e discutir aspectos de nossa sociedade. Michel Foucault (1988), nos faz estas questões no livro "As palavras e as coisas", "[...] que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem 'é uma ciência'? Que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem minorizar' quando dizem: 'eu que formulo esse discurso, enuncio um discurso científico e sou um cientista'? Qual vanguarda teórica política vocês querem entronizar para separá-la de todas as numerosas, circulantes e descontínuas formas de saber? (FOUCAULT, 1988, p. 172)". Desta forma, não podemos apenas abrir espaços para outras cosmovisões e realidades, sem nos atentarmos ao fato de que esses caminhos são possíveis de maneira igualitária à estética ocidental, estão no mesmo grau de legitimidade e podem ser utilizados em nosso benefício assim como a força criativa da vida, que se reinventa em sua própria existência a partir da diversidade.

Palavras-chave: cinema; educação; cartografia; etnografia.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Milton José de. Cinema arte da memória. Campinas: Autores Associados, 1999.

ARAÚJO, Juliano José. Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia: um estudo do projeto Vídeo nas Aldeias . Unicamp. Campinas, SP : [s.n.], 2015.

AUMONT, Jacques. O cinema e a encenação. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

BARBOSA, A. (Org.). A experiência da imagem na etnografia. Terceiro Nome, São Paulo, 2016. 335 p.

BONIN, Iara Tatiana. Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? Currículo sem Fronteiras, online, v. 10, n. 1, p. 73-83, jan./jun. 2010.

BORDWELL, David. Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema. Campinas: Papirus, 2008.

CARVALHO N. dos S. (2003). O negro no cinema brasileiro: O período silencioso. *Plural*, 10, 155-179. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2003.68073>

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Lisboa: Edições 70, 1988.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo . Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

KRENAK, Ailton. Índios em Movimento: Rondon, Amor, Ordem e Progresso . SESC TV. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BQSKyK7qUJ4&t=4s> >. Acesso em: 08 Jan. 2020.

MINAYO, Maria Cecília S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARECHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações Sociais. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

NICHOLS, Bill. “ A voz do documentário ” . In: RAMOS, Fernão (Org.). Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional. Volume II. São Paulo: Senac, 2005.

NUNES, K. M.; SILVA, R. I.; SILVA, J. O. S. Cinema indígena: de objeto a sujeito da produção cinematográfica no Brasil. Polis, v. 13, n. 38, p. 1-26, 2014.

ORTEGA, Ariel e KERETXU, Patrícia. Bicicletas de Nhanderu . Vídeo nas Aldeias. Rio Grande do Sul. 2011. Disponível em: < <http://lugardoreal.com/video/bicicletas-de-nhanderu> >. Acesso em: 2 Fev. 2020.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno . Petrópolis. 4ª edição. Vozes. 1982.

RONY, Fatimah Tobing. The third eye: race, cinema and ethnographic spectacle . Londres: Duke University Press, 1996.

RUIZ, Coraci Bartman. Documentário-dispositivo e vídeo-cartas: aproximações. UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2009

RUSSEL, Catherine. Experimental ethnography: the work of film in the age of video . Londres: Duke University Press, 1999.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOUZA, Edileuza Penha de. NEGRITUDE, CINEMA E EDUCAÇÃO - VOLUME I. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Eu é outro: documentário e narrativa indireta livre . In: (org.). Documentário no Brasil - Tradição e Transformação. São Paulo, Summus Editorial, 2004

14. VIO GROSSI, F. The Socio-Political Implications of Participatory Research. Convergence, v. 14, n. 3, p. 43-51, 1981.

WUNDER, A. Encontros com poéticas indígenas, férteis fronteiras entre a educação e as artes. Quaestio - Revista de Estudos em Educação, [S. l.], v. 19, n. 3, 2017. DOI: 10.22483/2177-5796.2017v19n3p513-527. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3151>. Acesso em: 02 ago. 2021.